

Sociólogo pede revolução no ensino básico

Carlos Alberto Silva

Aprender a aprender. Este é um dos "Desafios Modernos Para a Educação Básica", propostos pelo professor de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) e diretor do Departamento de Macroestratégica da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República, Pedro Demo. Escrito em junho deste ano para a série de "Textos para Discussão", publicada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o trabalho de Pedro Demo suscitou a reação, quase sempre de apoio, da parte de pessoas envolvidas com Educação neste País.

Por "aprender a aprender", Demo entende uma escola (seja de que nível for) na qual os professores e os alunos, juntos, "façam da modernidade uma oportunidade, e não uma condenação". Para isso, ele pleiteia a utilização dos meios eletrônicos (vídeo, televisão etc) no simples repasse de conhecimento, liberando os professores para a criatividade e para a criação, conjunta, de um modelo de "desenvolvimento próprio, voltado para os desafios da modernidade".

Demo enxerga na Educação Básica "não uma obrigação custosa para o Governo, mas sim um investimento de retorno imediato e garantido". Acha que o Governo gasta pouco em Educação, "e terá que gastar muito mais, pois o processo da modernidade é irreversível — ou o abraçamos, ou ele nos atropela, porque independe de nós". Esse processo, assim como Pedro Demo o vê — passa necessariamente pela dominação. No caso, a exercida pelo Primeiro Mundo sobre os países subdesenvolvidos. "Não é qualquer conhecimento que liberta; e o de segunda mão, já traz embutida a dominação sobre a chamada massa de manobra".

É no 3º Grau (nas Universidades) que o autor dá tese vai detectar a crise do 2º Grau e do Ensino Básico em sua totalidade. "Quan-

do os professores universitários reclamam do baixo nível dos calouros, estão criticando a si próprios, que os formaram nos 1º e 2º Graus". Daí que, a mesma modernidade que recepta para o Ensino Básico, Pedro Demo recomenda aos professores universitários: "Eles são vítimas do sistema educacional, que os vicia na cópia e na acomodação, ao não gerar e não propor a construção de um conhecimento próprio, a partir da pesquisa, da crítica e da atualização profissionais".

Ele próprio um professor universitário, Pedro Demo faz, na prática, o que propõe na teoria. "Em todo o ano letivo, não dou mais do que dois meses de aula na UnB — o resto do tempo, propõo e participo de pesquisas com os meus alunos, que não são avaliados pelo aprendizado formal, via prova, mas pelo que produziram individual e criativamente". Autor de diversos livros e pesquisas, Demo não aceita que o professor apenas dê aulas: "Essa, de repassar conhecimento, a televisão faz melhor e com mais sedução. Não precisa de professor. Profissional de cuspe-e-giz, sem uma pesquisa própria, não pode dar aulas a ninguém".

Em sua avaliação, esses professores, na verdade, "são ainda alunos, jamais deixaram de sê-lo, e ainda obrigam seus discípulos a fazerem o mesmo que sempre fizeram: copiar". Essa prática, a do mero repasse de conhecimento, criaria uma oposição das mais trágicas para o Ensino: "A confrontação entre o ensinar a ensinar e o ensinar a copiar". Fatal, segundo ele, para o processo criativo da modernidade — "o aprender a aprender".

Realista, Demo assume que, entre aqueles que ainda não aprenderam a aprender (as gerações perdidas), muitos continuarião analfabetos, mesmo que, para ele, "o analfabetismo seja muito mais do que não ler nem escrever". Demo não aposta no Móbral: "Dificilmente poderemos alfabetizar velhas gerações".